

ANÁLISE DOS ATOS DE FALA NAS TIRAS DE MAFALDA¹³

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira (UFES)
monicasmiderle@yahoo.com.br

AUSTIN E SEARLE: A TEORIA DOS ATOS DE FALA

Pelo que mostra Levinson (2007), a teoria dos atos de fala tem sido de grande interesse não só dos linguistas, mas também dos psicólogos, dos antropólogos, dos críticos literários, dos filósofos dentre outros. Os linguistas aplicam a teoria dos atos de fala na sintaxe, na semântica, na pragmática e na aprendizagem de outras línguas; já os psicólogos acreditam que os atos de fala possam ser um pré-requisito para a aquisição da linguagem; os antropólogos acreditam que através dessa teoria se possa encontrar alguma descrição da natureza dos encantamentos mágicos e dos rituais em geral; os críticos literários procuram nos atos de fala um esclarecimento em relação aos gêneros literários e os filósofos perceberam que os atos de fala podem ser aplicados nos enunciados éticos.

O autor afirma que Austin é um dos filósofos que merece destaque porque “começou a demolir a visão de linguagem que colocava as condições de verdade como centrais para a compreensão da linguagem”. Foram os positivistas lógicos, na década de 1930, que acreditavam que para que, um enunciado fosse dotado de sentido, deveria ser verdadeiro ou falso, quer dizer, deveria poder ser submetido à prova de verificação (testado quanto à sua verdade ou falsidade) ou comprovado pela sua correspondência ao estado de coisas a que se refere.

Para Austin (1990), os enunciados não precisam ser verdadeiros ou falsos, porque há uma distinção entre enunciações (*utterances*) que afirmam algo e enunciações que não afirmam, mas realizam determinadas ações. As primeiras são proposições (*statements*) que constataam determinadas coisas ou estados de coisas que podemos verificar se são verdadeiras ou falsas; já as segundas não podemos veri-

¹³ Este texto deriva de parte do 3º capítulo de sua dissertação de mestrado, cujo título é *A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise Pragmática das tiras de Mafalda*. Defendida em 07 de março de 2008 – UFES.

ficar se são verdadeiras ou falsas, mas eles realizam um ato que dizem realizar.

Essas primeiras enunciações receberam o nome de constatativas e as segundas de performativas. Por exemplo, quando se fala que Maria mora em Londres, está-se dando a possibilidade de verificar se esse enunciado é verdadeiro ou falso, é só saber se realmente Maria mora em Londres ou não. Tem-se, então, um enunciado constatativo. Mas se for falado “Fecha a porta”, não será nem verdadeiro nem falso, mas será a realização de um pedido ou de uma ordem, desde que se observem as condições de verificação, como se há uma porta a ser fechada, se a pessoa pode fechá-la. Há, nesse caso, um enunciado performativo.

Levinson (2007) chama a atenção para o que Austin relata sobre o enunciado performativo. Este compreende dentro das categorias dos enunciados performativos um número indeterminado de enunciados, tais como os que realizam, por exemplo, pedido, promessa, doação, contratos, aposta, nomeação, veredito, entre outros. Pensando em verificar como esses enunciados são dotados de sentido, já que eles não correspondem a qualquer estado de coisas existente independentemente de sua enunciação, Austin propõe que o seu sentido dependa, não da sua adequação ou não àquilo a que se referem, mas do seu sucesso ou de seu insucesso. Para que um enunciado performativo seja bem sucedido é preciso seguir algumas etapas:

A I Deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional.

A.II as circunstâncias e as pessoas devem ser adequadas, conforme especificado no procedimento.

B. O procedimento deve ser executado corretamente e completamente.

C. Muitas vezes, (I) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções requeridos especificando no procedimento, e (II) se a conduta consequentemente é especificada, então, as partes relevantes devem ater-se a essa conduta. (Levinson, 2007, p. 291)

É pela observância ou não observância de todas ou de algumas destas condições que depende o sucesso ou o insucesso dos enunciados performativos, podendo, assim, verifica-se diferentes tipos de insucesso. Se não houver a obediência das condições A e/ou B, o ato será nulo; o ato será vazio; se não se respeitar a condição C, mos-

LEITURA E ORALIDADE

tram-se insinceridades: aconselhar alguém a fazer algo quando você realmente pensa que seria vantajoso somente para si próprio e não para o outro. Nesse caso teria sido violada a condição C (I). E se tivesse prometido algo que não seria cumprido seria uma violação direta de C (II). Austin observa que estas violações não são todas de igual estatura.

Levinson mostra, ainda, o que acontece quando não há essa obediência: Suponha-se que um homem tenha dito a sua mulher:

Por meio deste, divorcio-me de você

O autor explica que o simples fato de dizer que se está separando não fará com que o divórcio se consuma, pois não há o procedimento A (para se divorciar é preciso que haja um procedimento convencional, como um juiz e os papéis para serem assinados), portanto esse enunciado só terá sucesso, se ocorrer no ato em que o casal estiver assinando o divórcio, caso contrário, ele não obterá sucesso.

O filósofo, ainda, mostra que todas as declarações, além de significar o que quer que signifiquem, também executam ações específicas ou fazem coisas por terem forças específicas. Desse modo, ao enunciar uma sentença, estarão sendo realizados, simultaneamente, três atos, são eles:

Ato locucionário: é a simples enunciação de uma sentença.

Ato ilocucionário: o ato de fazer uma declaração, oferta, promessa etc. Ao enunciar uma sentença, em virtude da força convencional associada a ela (ou a sua paráfrase performativa explícita)

Ato perlocucionário: o ato de causar efeitos no público por meio da enunciação da sentença, sendo tais efeitos contingentes às circunstâncias da enunciação.

O ato locucionário ou locutório é a realização de uma fonação ou de um ato fonético. É o ato de produzir as falas. O segundo ato, o ato ilocucionário ou ilocutório é a realização do ato fonético articulado as regras gramaticais de uma determinada língua e o ato perlocucionário ou perlocutório é feito com o objetivo de que o enunciado seja reconhecido como um discurso ligado a alguma proposição, ou seja, o enunciado proferido tem que fazer sentido tanto para o falante quanto para o ouvinte.

Levinson comenta que um dos sucessores de Austin é John Searle que retoma os estudos de Austin, e desenvolve uma série de aspectos de sua teoria. Para Searle falar uma língua é realizar atos de fala. Podemos verificar isso, quando:

Falar uma língua é realizar atos de fala, tais como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas e assim por diante: e, de forma mais abstrata, atos de fala como referir e predicar; e, em segundo lugar, estes atos se tornam, em geral, possíveis e são realizados de acordo com certas regras para o uso dos elementos linguísticos. (Searle 1969, p. 23)

Searle (1969) afirma que há diversos tipos de atos e cada um deles possui um determinado objetivo que terá sucesso, ou não, dependendo se as condições abaixo forem cumpridas:

1. O falante disse que executaria uma ação futura
2. Ele pretende executá-la
3. Ele acredita que pode executá-la
4. Ele pensa que não a executaria de qualquer maneira no curso normal da ação
5. Ele pensa que o destinatário quer que ele a execute (e não que o destinatário quer que ele não a execute)
6. Ele pretende colocar-se na obrigação de executá-la enunciando E
7. Tanto o falante quanto o destinatário compreendem E
8. Ambos são seres humanos normais, conscientes
9. Ambos se encontram em circunstâncias normais, por exemplo, não estão representando uma peça
10. A enunciação E contém algum DIFI que só é adequadamente enunciado se todas as condições adequadas são válidas

Para o autor existem apenas cinco tipos básicos de ação que alguém pode executar ao falar. São elas: representativas, diretivas, comissivas, expressivas e declarativas. As representativas fazem com que o falante se comprometa com a verdade (afirmar, concluir etc.). As diretivas mostram a tentativa do falante de fazer com que o ouvinte realize algo (pedir, perguntar etc.). As comissivas comprometem o falante a realizar uma futura ação (prometer, ameaçar, oferecer etc.). As expressivas expressam um estado psicológico (agradecer, desculpar-se, parabenizar etc.) e as declarativas resultam em mudan-

LEITURA E ORALIDADE

ças imediatas no estado normal das coisas e tendem a se valer de instituições extralinguísticas complexas (excomungar, declarar guerra, batizar, demitir do emprego).

Levinson (2007) acredita que, apesar dessa tipologia ser considerada um avanço em relação a Austin, ela deixa a desejar, pois carece de princípios que a fundamentem e ela não se baseia nas condições de verdades que Searle acredita que devam ser seguidas.

Pode-se perceber que há enunciados nos quais o significado literal, ou convencional, é o mesmo que o falante quis comunicar. Neste caso, o ouvinte só precisa aplicar as regras fonológicas, morfo-sintáticas e semânticas que interiorizou na aquisição da língua. Mas há muitos enunciados nos qual a intenção do falante é comunicar outra coisa que vai além do significado literal. É o caso, por exemplo, dos atos de fala indiretos, e de respostas indiretas (como em "*Você vai à reunião?*" – "*Estou sem carro.*").

OS ATOS DE FALA NAS TIRAS DE MAFALDA

As tiras de Quino têm a preocupação com a discussão de certos temas que sugerem críticas sociais. Dessa forma, o humor e a ironia estão presentes nessas narrativas. Pode-se dizer, então, que Quino mostra aos seus leitores suas análises do contexto sócio-histórico-político do momento, levando os mesmos a verem a triste realidade da América Latina bem como de outros países em conflito.

A personagem Mafalda, ciente desses conflitos sociais, políticos, culturais, demonstra desejo de discutir essas situações, a fim de que, de alguma forma, possa participar efetivamente das discussões, contribuindo, talvez, para o entendimento dos povos, bem como a modificação dos problemas que a preocupam.

Assim, a análise das tiras selecionadas tem por objetivo mostrar como ocorre o processo dos atos de fala nas tiras de Quino.

Análise dos atos de fala

As ações praticadas via enunciados são de modo geral chamadas de atos de fala, e, mais especificamente, de pedido, cumprimento, desculpa, convite, promessa, resposta, e outros. Esses diferentes tipos de atos de fala estão relacionados à intenção comunicativa do falante, quando produz seu enunciado.

Segundo a teoria dos atos de fala de Austin (1962), há três tipos de atos que ocorrem simultaneamente:

Ato locucionário: é o conjunto de sons que a personagem está produzindo;

Ato ilocucionário: é a força que o enunciado produz;

Ato perlocucionário: é o efeito produzido no ouvinte ao receber esse enunciado.

Segundo Searle (1969) há cinco atos de fala ilocucionários, são eles: ato assertivo/ representativo; diretivo/exortivo, comissivo, expressivo/compromissivo e declarativo. O filósofo admite que para que, haja um ato de fala indireto, é preciso ter um enunciado cuja estrutura gramatical indica uma força ilocucionária diferente daquela pretendida pelo falante, como por exemplo, a ironia.

Observam-se as duas seguintes tiras:

Tira 1



Tira 2



LEITURA E ORALIDADE

Na tira 1, Mafalda indaga sua mãe sobre os planos que ela tinha quando criança e interrompe seu questionamento, pois já sabe a resposta. Na verdade, a resposta aparece no quadro três, ao ver a mãe como uma perfeita dona-de-casa. É interessante observar que a fisionomia da menina muda ao longo dos quadros. No primeiro quadro, ela aparece pensativa; no segundo quadro aparece satisfeita, e no último quadro, a expressão dela é de tristeza, pois sabe que sua mãe é e, provavelmente, sempre almejou ser apenas uma dona-de-casa. Mafalda esperava que sua mãe tivesse outras ambições, como ter diploma universitário, ou então, trabalhar fora.

O desfecho inesperado é o que provoca o efeito de humor nessa tira, já que a garota muda o que pretendia falar, e o leitor tem que inferir que ela mudou o foco do assunto porque já tinha descoberto a resposta da pergunta do quadro 1.

A intenção dos três primeiros quadros, da segunda tira, é deixar no leitor o efeito de espanto, já que esses quadros causam um estranhamento em quem conhece a personagem, pois como é de conhecimento dos leitores das tiras, Mafalda não quer ser igual à mãe, pelo contrário, a menina sempre a critica porque deixou de estudar para se casar e ter filhos. Só no último quadro é que o leitor consegue captar a ironia e a crítica feita pela criança. É interessante notar que, nessa tira, no último quadro, a mãe de Mafalda é desenhada sem a boca. Vale lembrar que é pela boca que o ser humano se alimenta e também se expressa, sem levar em conta, é claro, a maneira possível de falar por meio de gestos ou sinais. Sem a boca a mãe da garota não poderia falar, portanto, não poderia ser ouvida. Sem boca para responder, aparentemente ela teria aceitado a ofensa e silenciado.

O humor nessa tira é provocado tanto pela ironia feita por Mafalda a sua mãe, quanto pelo que Bergson denomina de Mundo às avessas, em que os papéis sociais são invertidos.

Nesse conjunto de tiras, aparece o ato de fala expressivo, e também o ato declarativo. No primeiro ato, Mafalda expressa seus sentimentos como, por exemplo: decepção e tristeza; pena/compaixão; aversão/antipatia em relação à sua mãe. E no segundo ato de fala, a personagem espera que as mulheres mudem o comportamento, almejem um futuro melhor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É possível perceber que nas tiras 1 e 2 houve o ato de fala irônico, pois a personagem ironizou ao criticar a situação feminina. A ironia aparece de modo explícito, como por exemplo, nas tiras em que a menina aparece criticando o modo como as mulheres têm agido na sociedade.

Após analisar os atos de fala nas tiras selecionadas, confirma-se que falar uma língua é realizar ações. Os enunciados possuem uma força ilocucionária/perlocucionária que fazem com que as intenções do falante alcancem o ouvinte, para que este realize os atos de fala propostos pelo falante.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, Jhon. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (1983[1900])

CAVALCANTI, Ronaldo A. *O mundo dos quadrinhos*. São Paulo: Símbolo. 1977.

FERNANDES, Miriam Munhoz. *O papel da mulher na sociedade brasileira: da sociedade colonial aos dias atuais*. 2005. Disponível em: http://www.monteirolobato.com.br/material/palestra_miriam.doc

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1985, p. 1-139.

SEARLE, J. R. – *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: CUP, 1969.